



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS- PORTUGUÊS

ALEXSANDRA ARAÚJO SILVA

BEOWULF E A SIMBOLOGIA DA MORTE

GUARABIRA/PB

2018

ALEXSANDRA ARAÚJO SILVA

BEOWULF E A SIMBOLOGIA DA MORTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

GUARABIRA/PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586b Silva, Alexsandra Araújo.
Beowulf e a simbologia da morte [manuscrito] / Alexsandra Araújo Silva. - 2018.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos., Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Beowulf. 2. Morte. 3. Representação simbólica. I. Título
21. ed. CDD 801.95

ALEXSANDRA ARAÚJO SILVA

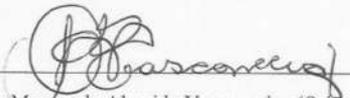
BEOWULF E A SIMBOLOGIA DA MORTE

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 29/11/2016.

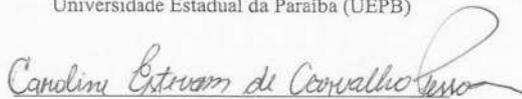
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ma. Caroline Estevam de Carvalho Pessoa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, aos meus pais, minha família, meu avô Victor (*in memoriam*) e a minha orientadora Clara Vasconcelos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que é a minha força maior, me dá sabedoria, ilumina o meu caminho nunca me abandonou principalmente nos momentos difíceis, o Criador da minha vida e da minha história que me sustenta, me guia, segurando em minhas mãos quando a estrada está árdua;

Aos meus pais Maria da Conceição e Cosme que são a minha vida. Sempre serei grata pelo apoio, dedicação, suporte, que contribuíram incondicionalmente para ser a pessoa que sou hoje. Agradeço pela educação e valores ensinados;

Às minhas irmãs, Karla Valéria e Ana Raquel, que contribuíram de forma direta e indireta nesse percurso, em especial à Karla, que de modo ímpar não só nessa jornada, mas durante toda minha vida, tem me auxiliado em tudo que preciso;

Aos meus avós: Hilda e Victor (*in memoriam*) e à minha tia Mara por todo apoio durante a minha vida, muito obrigada!

À minha orientadora Clara Vasconcelos pela dedicação, apoio, muita paciência, atenção o que me deu segurança para chegar ao fim desse caminho. Por poder compartilhar bons e maus momentos, meu muito obrigada, estimada orientadora!

Aos professores Fábio Dantas e Caroline por aceitarem o convite em participar como examinadores do presente trabalho;

Aos meus colegas de curso e amigos da UEPB, e em especial, às minhas amigas Fabiana, Thalita e Edianny, o trio da minha jornada acadêmica. Foram quatro anos de muita luta, cumplicidade e união... obrigada, meninas!

A todos os professores que já passaram em minha vida em especial aos da universidade, desde o início até o fim do curso, grata a cada um de vocês. Enfim, a todos que direta ou indiretamente me apoiaram nesse percurso... vocês sabem quem são, gratidão a todos sempre!

“A morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais” (EPICURO).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 BEOWULF.....	10
3 A MORTE E O MODO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICO.....	14
4 A MORTE EM BEOWULF.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

BEOWULF E A SIMBOLOGIA DA MORTE

ALEXSANDRA ARAÚJO SILVA¹

RESUMO

O modo de representação simbólico é um dos mais explorados em estudos de diversas áreas do conhecimento, pois a construção do seu significado está diretamente relacionada com as convenções sociais e a forma como a sociedade interpreta os signos de acordo com o seu contexto sócio-histórico-cultural. Partindo desse pressuposto, buscou neste trabalho, compreender como se constitui a simbologia da morte no poema épico *Beowulf* e a forma como o contexto cristão interfere na significação desse símbolo no poema. Para alcançar o objetivo ao qual este trabalho se propõe, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica e exploratória de cunho documental na área dos estudos literários e semióticos, além de reflexões acerca da categoria analítica aqui estudada a partir das contribuições de autores tais como Argolo (2001), Cevasco e Siqueira (1999), Ferraz (2014), Peirce (2003). Sendo assim, procurou-se mostrar como a morte está relacionada com a constante luta entre o bem e o mal na narrativa do poema.

Palavras-chave: Beowulf. Símbolo. Morte.

1 INTRODUÇÃO

O homem sempre está em uma constante luta de preservação da vida. Em sua jornada contra este fato inevitável, observa-se a não aceitação de sua condição transitória por meio de rituais, manifestações culturais, desenvolvimento tecno-científico, entre outros. Diante de sua finitude, o ser humano busca dar sentido à sua existência e este é um fato que o leva a tentar compreender a incógnita que é a morte.

Diante da incerteza acerca da morte, diversas acepções são atribuídas a ela de acordo com a modo como os contextos social, histórico e cultural convencionam a sua representação e interpretação. A partir das diferentes formas de compreender esse fenômeno comum a todos os seres vivos, essa temática é representada de diversas maneiras nas linguagens artísticas.

Ao tomar como base o contexto religioso cristão, surgiu a necessidade de promover um estudo que busca refletir acerca do modo de representação simbólico da morte no poema

¹ Aluna de Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.
E-mail: sandra.uepb@gmail.com

inglês *Beowulf*, o qual, embora possua várias características pagãs, também apresenta em sua estrutura vários elementos cristãos, haja vista que o mesmo foi passado da tradição oral para a escrita por um monge.

Este trabalho tem como principal objetivo compreender o aspecto simbólico da morte, como ela é constituída e representada por meio do poema épico *Beowulf*, que traz a mistura cultural entre o paganismo e o cristianismo em uma sociedade ainda pré-cristã, ao narrar os feitos de um herói em um período em que monstros dominavam a Dinamarca, lugar onde *Beowulf* trava uma batalha com os monstros numa constante luta contra o mal.

Para atingir o objetivo ao qual este trabalho se propõe, o mesmo está organizado em três partes: O primeiro tópico intitulado *Beowulf*, busca apresentar brevemente o poema e as suas principais características, além de situar o leitor no contexto de produção do mesmo. A segunda parte deste artigo, *A morte e o modo de representação simbólico*, apresenta ao leitor a concepção de símbolo consoante a Teoria Geral dos Signos de Charles Sanders Peirce e o seu valor de convecção social para que se possa compreender como a morte é convencionalizada de acordo com o contexto sócio-histórico-cultural. A terceira secção deste trabalho, *A morte em Beowulf*, corresponde à análise da simbologia que a morte confere ao poema.

Partindo das considerações de Argolo (2001), Cevasco e Siqueira (1999), Ferraz (2014), Peirce (2003), entre outros, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório para compreender o modo de representação simbólico da morte no poema *corpus* deste estudo.

2 BEOWULF

O poema *Beowulf* é considerado o mais importante da língua inglesa por ser o maior texto sobrevivente que foi registrado em inglês arcaico, mesmo se tratando de um poema incompleto, pois faltam fragmentos do mesmo. A língua inglesa da época em que o poema foi escrito (em meados do século VIII a.C.) é totalmente diferente do que se conhece nos dias atuais, o que lhe fez durante muito tempo ser conhecido como literatura anglo-saxã². O mesmo só era falado pelos “povos”, ou seja, pelas pessoas menos favorecidas e, diante disso, a

² O termo “Old English literature”, como hoje é conhecida a literatura antes denominada como anglo-saxã, surgiu por necessidade filológica e patriótica para conferir uma concepção de continuidade entre a Inglaterra da Idade Média e a do século XIX, quando se passou a descrever o desenvolvimento da língua inglesa em Old English (inglês arcaico), Middle English (inglês médio) e Modern English (inglês moderno) (SANDERS, 1994).

burguesia preferia outros idiomas como o Latim, fazendo assim a separação linguística por classe social.

De origem anglo-saxã, mais conhecido como o “Inglês Arcaico”, por meio dessa obra é que se pode conhecer a estrutura da língua inglesa em que o texto foi escrito. Um poema épico, de autor desconhecido, conta a história do herói chamado Beowulf. A temática narra toda a sua trajetória e as lutas que o mesmo enfrentou na Dinamarca para salvar a humanidade, lutando contra os inimigos.

Beowulf é um herói de uma tribo escandinava, e suas aventuras se passam, como manda a épica, num período distante do da sua audiência do século VII. Mesmo assim, contudo, o poema revela muito da sensibilidade saxônica, a de um povo com forte sentido de comunidade. Esse povo prezava seus guerreiros e as virtudes do Lord, que os protegia e respeitava, recebendo deles, em troca total fidelidade. (CEVASCO; SIQUEIRA, 1999, p. 7).

A obra reflete algumas características do contexto em que foi escrita. De acordo com os acontecimentos, a narrativa retrata um período marcado pela violência, lutas sangrentas, a dualidade entre o paganismo e o cristianismo, ao mesmo tempo em que se destaca a dignidade, a força de lutar, a firmeza, a cumplicidade e a harmonia que se constituíam como elementos fundamentais ao comportamento dos heróis. O surgimento ou a data exata em que a obra foi produzida não são definidos e apesar de inúmeros estudos sobre o trabalho, nenhum teórico tem a certeza de sua origem. Porém, por meio de suas características, o texto foi escrito por volta dos séculos VI e VIII.

A principal característica que se pode observar presente no poema, é a quantidade de informações sobre o Cristianismo e isso chama atenção, pois a obra traz também resquícios pagãos. Na época em que foi escrito, *Beowulf* pertencia à tradição oral, visto que a maioria das pessoas não era letrada, privilégio que era restrito à nobreza e ao clero. Devido à sua recontagem e posterior escrita, os traços pagãos presentes na narrativa foram alterados e elementos cristãos foram acrescentados, o que reflete uma mistura de culturas em partilha. Sanders (1994, p. 22, tradução nossa) afirma que:

Por muito tempo sustentou-se que o mais substancial e antigo poema inglês sobrevivente, Beowulf, era uma composição pré-cristã que de alguma forma havia sido adulterada por escribas monásticos a fim de dar-lhe um quadro de referência aceitavelmente cristão. Esse argumento não é mais aceitável, embora alguns estudiosos afirmem que o manuscrito do poema do século X pode ser posterior à sua composição em até três ou mesmo quatrocentos anos. O anônimo poeta-narrador reconhece que a sua história é pagã e que as suas personagens guardam virtudes pagãs e uma cosmovisão pré-cristã, mas

também está consciente de que conceitos mais antigos de heroísmo podem ser considerados compatíveis com os seus próprios valores religiosos e morais³.

Apesar das conseqüentes mudanças sofridas que a tradição oral provocou à sua transposição para o contexto grafocêntrico, ainda é possível encontrar traços pagãos no poema. Pode-se observar, no decorrer deste, que o narrador apresenta relações metafóricas para representar o cristianismo e o paganismo por meio de símbolos das duas religiões que se mesclam por meio de elementos como o protagonista e os monstros presentes no texto.

Nota-se ainda que o autor escreve a obra para um público muito específico, o qual sinaliza uma fusão entre a fé cristã e pagã. Nesse sentido, o poema procura mesclar crenças para mostrar uma sociedade que está dividida entre a estabilidade e a instabilidade cultural, entre uma sociedade que apreciava a inquietação do herói errante. Nos dias atuais, podem-se encontrar ainda os fragmentos sobreviventes da obra na biblioteca Britânica que se localiza em Londres, na Inglaterra. (SANDERS,1994)

A história de Beowulf, guerreiro cujo poema lhe é homônimo era filho de Ecgtheow, narra as façanhas épicas de um herói sobrinho de Hygelac rei dos Geats, que reinava onde nos dias atuais é conhecido como Suécia, caracteriza-se por ser sempre determinado e corajoso, chegando a libertar Hrothgar (o rei da Dinamarca) e o seu povo do monstro Grendel e de sua mãe, ferindo-os de forma mortal.

Além de destruir os inimigos da Dinamarca, Beowulf matou vários oponentes e monstros marinhos em outros países, tendo seus feitos e suas habilidades eternizados por meio de uma epopeia que reflete as tradições ancestrais de um povo de maneira ficcional. O povo da Dinamarca sofreu durante doze anos com as maldades de Grendel, o destruidor descendente de Caim, o primeiro homicida citado na Bíblia no livro do Gênesis: “Disse Caim a Abel, seu irmão: vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 4).

³ It was long held that the most substantial surviving Old English poem, *Beowulf*, was a pre-Christian composition which had somehow been tampered with by monastic scribes in order to give it an acceptably Christian frame of reference. This argument is no longer tenable, though some scholars hold that the tenth-century manuscript of the poem may postdate its composition by as much as three or even four hundred years. The anonymous poet-narrator recognizes that his story is a pagan one and that his characters hold to pagan virtues and to a pre-Christian worldview, but he is also aware that older concepts of heroism and heroic action can be viewed as compatible with his own religious and moral values.

O dragão ataca no salão de festas do rei Hrothgar, local chamado Heorot. Depois da destruição e de diversas mortes causadas pelo monstro, Beowulf que antes habitava na Suécia, viaja para a Dinamarca com o objetivo de destruir o inimigo.

[...] E então um dos súditos de Hygelac, em seu país, valoroso guerreiro entre os geats, dos ataques de Grendel veio a saber; forte ele era – o mais resoluto e poderoso. E disse: “Preparem uma embarcação”, ordenou esse garboso guerreiro. [...] o príncipe-guerreiro já selecionara seus homens- os melhores entre seus súditos, os mais bravos e fortes que pôde escolher. [...] lá se foi como um pássaro em pleno vôo, o barco de espuma rodeado (BEOWULF, 1992, p. 38- 39).

Chegando lá, o herói junto com os guerreiros de luta, prepara uma armadilha para destruir o inimigo. Grendel volta ao lugar de festas (Heorot) e mata um dos guerreiros que estava com Beowulf, mas quando o monstro tenta devorar o mesmo, não consegue, pois, o guerreiro o surpreende e o enfrenta em uma difícil batalha para destruí-lo.

As armas dos homens não conseguiam deter o monstro, mas a força de Beowulf consegue finalmente derrotar o monstro, eliminando o sofrimento do povo de Hrothgar. Depois da morte de Grendel, sua mãe que também é descendente do filho de Adão (Caim), volta para cumprir a vingança da morte do seu filho. Ela invade o salão de festas com toda a sua fúria e em seguida consegue fugir, mas Beowulf a segue e no seu esconderijo submarino e consegue matá-la com uma espada e mais uma vez livra o povo da maldade. Ao chegar no esconderijo da mãe do monstro, Beowulf vê o corpo de Grendel, corta -lhe a cabeça e leva para o rei provando assim a morte do monstro.

[...] o grande herói procurava Grendel; então o avistou caído no chão, exangue; a vida se lhe esvaíra pela ferida profunda que sofrera em Heorot; Beowulf de um só golpe seccionou o corpo em dois e decepou a cabeça de Grendel, as esquirolas espalhando-se pelo chão. [...] Pendurada pelos cabelos, a cabeça de Grendel foi entregue pelos guerreiros no salão onde bebiam os homens; visão horrível todos tiveram, príncipes e nobres ali reunidos com a rainha; todos contemplaram-na demoradamente (BEOWULF, 1992, p. 88- 90).

Depois de vitórias e conquistas, o herói é recebido com honra e passa a reinar por cinquenta anos e, depois desse período, aparece outro dragão para destruir seu povo. Contudo, apesar de já estar idoso, Beowulf consegue, com a ajuda de um de seus guerreiros, matar o inimigo. Porém, durante a batalha, o mesmo fica ferido e não resistindo, morre. Por fim, o poema encerra com o funeral de Beowulf, onde teve seu corpo cremado e, posteriormente, homenageado pelos seus feitos de forma justa.

No poema pode-se destacar a relevância de alguns personagens, tais como: o protagonista Beowulf, o herói aventureiro que luta a favor do seu povo; Grendel, primeiro inimigo que será derrotado pelo guerreiro da história; Hrothgar, o rei da Dinamarca que tem o seu reinado sempre destruído pelos monstros; Mãe de Grendel, tem a sua participação na história para vingar a morte do seu filho; Hygelac, rei dos gautas, tio do personagem principal. Depois da sua morte seu filho reina em seu lugar e em seguida o reinado é passado para Beowulf; Wiglaf, um dos guerreiros que auxilia o protagonista nas lutas, o mesmo ajuda o herói a matar o dragão; Unferth, ao contrário de Wiglaf, Unferth é o oposto dos guerreiros presentes na obra, o mesmo é considerado medroso e ambicioso.

Passados os séculos, a obra inspirou vários escritores desde a sua primeira tradução até a atualidade; um deles é conhecido como J.R.R. Tolkien, autor e criador da famosa saga *O Senhor dos Anéis*, o mesmo também fez a tradução da obra para o inglês moderno, publicado no ano de 1992. O texto também atraiu a atenção Robert Zemeckis que adaptou o poema para o cinema e dirigiu a versão em 2007 que ficou conhecida como *As aventuras de Beowulf*.

3 A MORTE E O MODO DE REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICO

O modo de representação simbólico é uma categoria analítica explorada em estudos de diversas áreas do conhecimento. Embora haja essa diversidade de teorização acerca do símbolo, pode-se dizer, de modo geral, que elas caracterizam o valor simbólico do signo por meio de sua convenção social.

Seguindo a linha de pensamento semiótico baseado na Teoria Geral dos Signos, desenvolvida por Charles Sanders Peirce, observa-se que o símbolo só pode ser apreendido a partir da compreensão de sua estrutura triádica dentro da segunda categoria universal que se constitui pela ação sófica relativa à relação entre o signo e o objeto para gerar um interpretante.

Para que se possa compreender o interpretante – signo resultante da interpretação feita pelo intérprete – gerado a partir de um símbolo, é necessário que o intérprete conheça o contexto ao qual o signo pertence ou se refere. Por se tratar de um signo de caráter convencional, há leis que orientam a sua interpretação no contexto no qual está inserido e só existe porque há um interpretante que considera o seu contexto de produção, pois “Um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante” (PEIRCE, 2003, p. 74).

Destarte, o novo signo errado a partir da interpretação que é realizada acerca do símbolo consiste na apreensão do contexto social, histórico e cultural ao qual o signo se refere.

Não há símbolo sem interpretante, muito menos sem vínculo a um contexto, pois eles determinam a existência desse signo.

Dessa forma, compreende-se que o símbolo, consoante Ferraz (2014), pode ser explicado em termos de vivências, normas, comportamentos, costumes etc., nos quais se baseiam determinada sociedade ou que são característicos de dado momento histórico ou grupo social. Sendo assim, o intérprete só consegue identificar a representação simbólica porque este signo tem o seu significado associado ao objeto por meio de normas que norteiam o emprego de sua significação.

Tendo a sua interpretação vinculada a um contexto específico, valores culturais podem influenciar na forma como o símbolo é compreendido, o que denota que, a princípio, não há uma explicação que justifique o vínculo entre signo e objeto, a não ser as convenções arbitrárias que os rege, pois o símbolo nada mais é do que “[...] uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto.” (PEIRCE, 203, p. 52).

A partir dessa reflexão, observa-se que a categoria analítica deste trabalho – a simbologia da morte no contexto cristão – possui uma representação simbólica que se caracteriza de diversas formas ao longo do tempo. Cada cultura possui um contexto específico que norteia como esse evento é interpretado através de convenções religiosas nas quais se fundamenta o contexto do poema *Beowulf*.

Tomando como elemento basilar a simbologia que a morte carrega culturalmente e consciente de seu fim, preso à incerteza do que é a morte, o homem cria diversos rituais de acordo com o contexto social, cultural e/ou religioso em que a concepção de morte é concebida. A origem da palavra “morte” vem do latim *mors* e, segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA 2001, p. 472), a mesma “tem o valor de fim de tudo, cessação da vida, destruição, ruína, pesar profundo”. Mas a definição de morte é instituída conforme a sociedade ou grupo social ao qual está arraigada, podendo ser interpretada como um ritual de passagem de uma vida a outra, ou como um fim definitivo à jornada do homem sobre a terra.

Na antiguidade, a forma de lidar com a morte por meio de seus rituais compreendia esse processo como um transpasse como se pode observar na sociedade egípcia, pois para eles existia a relação morte-vida. Os egípcios acreditavam em um deus chamado Osíris e que, por meio da cultura, esse ser mitológico dava a recompensa aos homens depois deles passarem pela vida terrena; os mesmos acreditavam na ocorrência da reencarnação e, por isso, faziam a mumificação dos corpos dos mortos e a construção de deslumbrantes túmulos em sua dedicação.

Os gregos também tinham essa dedicação com os seus entes queridos. Em sua cultura, faziam ritos para lembrar dos que não estavam mais entre eles, caso contrário o esquecimento era a verdadeira morte e desgosto. Para a sociedade grega, a morte não simboliza um fim, mas uma continuidade que consistia em uma conformidade com o universo em que o morto perdia o seu caráter individualizante. Contudo, a simbologia que a morte possui na Grécia Antiga está presa a diversos ritos, dentre os quais buscam manter a individualização do indivíduo morto por meio de túmulos, tentando manter viva a memória do morto para que pudesse ser aceito no novo lugar ao qual passara a pertencer.

Os gregos tinham um notável zelo para com seus mortos, que se consubstanciava nos ritos de lamentação, no enterro e nas manifestações rituais desempenhadas também na tumba que era, em geral, marcada por construções e objetos de diversos tipos. A tumba não só abrigava o corpo inerte e constituía a nova morada do morto, como guardava um importante conteúdo simbólico, veiculando significados sobre o ritual da qual era subproduto e sobre as relações sociais nele envolvidas (ARGOLO, 2001 apud SANTOS, p. 352).

Para saber dos rituais dos gregos e seu pensamento antigo sobre vida após a morte, se faz necessário uma análise da sua mitologia, pois, eles são, nos dias de hoje, conhecidos pelos seus rituais e não necessariamente pela sua religião, embora existia uma fusão entre mitologia e religião em sua cultura. Todo esse cuidado que os gregos tinham relacionado à morte, provém da sua crença e eles acreditavam que a morte é realizada de várias etapas, uma viagem que necessitava do auxílio dos vivos para com os seus mortos.

Atualmente as pessoas tem uma maior dificuldade de lidar com essa condição, pois se observa que a morte é negada. O ser humano a esconde, cria um estado de fobia ao falar do assunto. Diante de toda essa esquivia, quando o indivíduo atravessa por essa aflição, acaba transpassado pela solidão da perda, desencadeando crises existenciais e sempre surge a pergunta na qual não se encontra uma resposta: por que a morte existe? De onde viemos? Para onde vamos? Por que é necessário passar pela morte? A essas perguntas, tomando como base o contexto cristão, pode-se encontrar na Bíblia Sagrada, a seguinte mensagem: “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete; porque naquela se vê o fim de todos os homens, os vivos o aplicam ao seu coração” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 622).

No tocante à simbologia que a morte possui, é importante salientar que na maioria dos países ocidentais comemora-se no dia dois de novembro o Dia de Finados, o qual desde o século XIII tornou-se tradição da igreja católica, data reservada para homenagear os falecidos. As

pessoas seguem até o cemitério, acendem velas, levam flores e rezam pelos seus mortos. Apesar de esse dia ser de lembranças e tristezas, a morte é vista de forma diferente de acordo com cada país. No México comemora o “Dia de los muertos”, três dias de festas e alegrias, o povo dessa cultura crê que seus entes queridos, embora já tenham passado por essa circunstância, ainda estão vivos no meio deles.

Na Espanha se comemora no dia primeiro de novembro “O Dia de Todos los Santos”, como se é conhecido nesse país, os espanhóis têm a tradição de voltar às cidades dos seus entes já falecidos, visitam seus túmulos e assim como a tradição mexicana, fazem diversas comemorações festivas para a honra dos defuntos.

Por sua vez, no Japão é comemorada essa data específica para os mortos no dia quinze de agosto. A comemoração é feita durante três dias, como no México, e assim como os mexicanos, os japoneses acreditam que as almas os visitam e, por isso, a tradição japonesa consiste em fazer limpeza nas lápides e guiar os defuntos acendendo lanternas para o retorno do seu local de descanso. Observa-se que esses ritos servem para manter viva a memória dos mortos e simbolizam a presença entre os vivos de entes que já faleceram, o que remete à cultura celta e faz parte da cultura dos países anglófonos.

Percebe-se que a morte possui uma convenção social conforme o contexto cultural e histórico, o que permite perceber, com o passar dos tempos, a diferença/modificação que esse ritual sofreu. Porém, independente da maneira de como a morte é vista, ela é algo universal, passando a gerações e o modo como o indivíduo reage, as lembranças e o comportamento estabelecido, tudo isso irá depender da forma como cada cultura a compreende o que remete ao fato de que:

Durante a segunda metade da idade média, do século XII ao século XV, deu-se uma aproximação entre três categorias de representações mentais: as da morte, as do reconhecimento por parte de cada indivíduo de sua própria biografia e as do apego apaixonado as coisas e aos seres possuídos durante a vida. A morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo (ARIÉS, 2003, p. 58).

Ao tomar consciência de si mesmo, ainda na Idade Média, nota-se que os ritos fúnebres comportam uma série de valores morais, éticos e sociais, pois, a depender do contexto cultural e religioso, a morte é vista como uma passagem dessa vida para a outra e que existe ressurreição, exceto os espíritas que acreditam na reencarnação onde o espírito volta a ser materializado por meio de um novo corpo humano. Os espíritas pensam nessa continuidade de vida após a morte

e o indivíduo que faz o bem enquanto vivo, tem mais evolução e é bem- sucedido na nova vida que recebe, já os que praticam o mal têm outras chances através de inúmeras reencarnações.

O protestantismo e o catolicismo creem que existe um julgamento, além da existência do céu e do inferno, e, caso o sujeito passe pelo julgamento tem o seu destino para o céu, ou se condenado, sua alma irá para o inferno. A diferença entre essas religiões é que, para os protestantes, a criatura quando morre faz uma viagem e só será julgada na volta de Jesus no “julgamento final”; logo, para os que morrem sem Jesus, sua alma será jogada no inferno, onde tem fogo e enxofre, segundo o Protestantismo.

Para os católicos, existe céu, inferno e purgatório. Dependendo das atitudes do falecido enquanto estava na terra, ele irá para um desses lugares. Assim, depois do julgamento, existe uma separação entre os justos e os pecadores. Se condenado, vai para o inferno; se errou enquanto estava em vida, poderá receber uma nova chance e irá purificar-se no purgatório; se for salvo, passa para a eternidade em sua nova habitação ao lado de Cristo.

A simbologia da morte apresenta uma relação entre o céu e a natureza, e o óbito faz parte do universo onde se observa nessa relação morte- natureza que nada é infinito, que um dia tudo se perece. O transpasse por ser bastante temido em todos os tempos, é o símbolo de um novo mundo o qual ninguém conhece e por esse desconhecido, se questionam ou cada indivíduo chega a sua própria conclusão se é um lugar de paz ou de sofrimento.

O desconhecimento do novo mundo que o sujeito poderá ter ao passar dessa vida para a outra, desperta nele a incerteza desse novo caminho, porém o indivíduo opta por seguir o pensamento de cada cultura ou religião da qual faz parte. Na Bíblia Sagrada, notam-se muitos trechos com relação à morte. Em uma dessas passagens, Jesus afirma que: “Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Crês isto?” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 959).

Compreender o modo de representação simbólico da morte no contexto cristão e a sua relação com o pecado, torna-se fundamental para a compreensão da relação entre a categoria analítica aqui abordada no *corpus*, haja vista que há uma relação intertextual marcante entre elementos cristãos e o poema *Beowulf*.

4 A MORTE EM BEOWULF

Como já sinalizado nas discussões anteriores, o poema épico *Beowulf* narra a história de um guerreiro e sua saga ao retratar os seus feitos na Dinamarca e na Suécia, antes Escandinávia e, embora ninguém conheça ao certo a sua origem, ele é predestinado a salvar

Hrothgar. A partir do contexto no qual o herói está inserido, uma das leituras que podem ser feitas é que o mesmo se assemelha à representação de Cristo, haja vista que ambos são enviados para salvar um povo e fazer sacrifícios por esse povo.

A morte é representada no poema sob diferentes perspectivas. Inicialmente ela é apresentada de maneira natural, o fim da vida de um guerreiro da seguinte forma: “então Scyld despediu-se com fé em Deus / e partiu já velho na hora devida.” (BEOWULF, 1992, p.32). Nota-se que, nesse contexto, a morte é apresentada como um símbolo de passagem em que a velha ordem dá lugar à nova em que Beowulf irá à busca de novas aventuras/batalhas, das quais sempre sai vitorioso e considerado restaurador da ordem.

O falecimento de forma natural diante de outros tipos de óbito, possui uma marca de saudosismo no texto, em que a tristeza é refletida, pois já era algo esperável. A falta permanece pelo apego e o afeto que existe entre os familiares, amigos e pessoas da convivência do indivíduo que não está mais entre eles, mas a morte natural é aceita de forma mais rápida pelo ser humano. Entretanto, na cultura dos povos escandinavos, a morte é um sinal de mau presságio, como prenúncio de um futuro obscuro.

Além disso, por se tratar de um poema em que deixa claro as suas raízes pagãs e também o caráter cristão é muito marcante como se pode observar na citação acima. A fé em Deus remete à simbologia cristã, especialmente por deixar a palavra “deus” destacada com a letra “D” maiúscula, o que a diferencia de religiões politeístas tais como o paganismo. Dessa forma, a morte como símbolo de passagem e crença em uma eternidade, reforça a fé em uma divindade suprema que é capaz de lhe conceder o descanso ao lado dos eleitos.

No que concerne à representação simbólica que a morte traz ao poema, observa-se que as normas e costumes cristãos possuem uma significação marcante, especialmente a partir do livro do Gênesis através da linhagem do monstro Grendel. A marca que o Gênesis traz está relacionada à figura de Grendel, que é descendente de Caim, o primeiro homicida. A marca da primeira morte cometida será a condenação de Grendel, o inimigo de Beowulf.

A traço da tentativa de redenção do mundo será uma constante no poema, o que denota o seu caráter pagão em meio a elementos do cristianismo, tais como a presença de um monstro que representa a presença do pecado – tanto o pecado original quanto o de ceifar a vida. Para tanto, é necessária a presença de um mártir/herói mas que também deseja fama, uma vez que “Os atos de Cristo na redenção do mundo e as missões e martírios de seus santos poderiam ser

interpretados de acordo com os conceitos suprabíblicos do herói⁴” (SANDERS, 1994, p. 22, tradução nossa).

O poema segue mostrando esse transpasse e apresenta ao leitor a violência da época em qual foi escrito, cheio de batalhas ensanguentadas, angústias, temores. Os cavaleiros do Rei Hrothgar vêm a óbito de um modo cruel quando eles sofrem com os constantes ataques do monstro Grendel a Heorot (o grande átrio de festas dos dinamarqueses). Em um lugar que antes era somente paz e alegria, onde as pessoas se sentiam seguras e se confraternizavam (além de possuir um caráter sagrado), a angústia chega e para esse povo de maneira avassaladora, pois tudo passa a se transformar em um verdadeiro caos.

[...] a vingança de Grendel
foi então revelada a todos e o som de
pranto pesaroso, sofrimento e dor tomou
todo o grande Heorot onde antes todos
festejavam felizes.
[...] e assim reinou Grendel cruelmente e
impunemente até que vazio ficou Heorot,
o palácio de festas. Tal devastação durou
doze invernos seguidos; assim foi como
sofreu dor e calamidades Scylding. (BEOWULF, 1992, p. 36-3).

A vingança de Grendel inicia com ataques a Heorot, pois o monstro não suporta ouvir os risos e as festas realizadas no salão do Rei Hrothgar. De sua caverna subaquática, onde vive com a sua mãe, Grendel ouve todo o barulho das festas e os seus ouvidos não suportam tais ruídos. A partir disso, todas as noites o salão de Heorot é atacado pelo temível monstro enquanto todos estão dormindo. Associado a isso, Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 721-722, tradução nossa) apontam que:

Na tradição bíblica, o monstro simboliza forças irracionais: possui as características do informe, o caótico, o tenebroso, o abissal. O monstro parece desorganizado, desproporcional; evoca o período anterior à criação do mundo. Ezequiel (1.4) fala de seus quatro aspectos: manifesta-se na tempestade com uma nuvem espessa e um raio de fogo; parece significar os quatro ventos e os quatro pontos cardeais (Ez 1, 17). É a tempestade, com suas nuvens sombrias, trovões e relâmpagos. O monstro é frequentemente associado, não só com o vento, mas também com a água do mundo subterrâneo, que também é precisamente o domínio do monstro⁵.

⁴ “Christ’s acts in redeeming the world, and the missions and martyrdoms of his saints, could be interpreted according to supra-biblical concepts of the hero” (SANDERS, 1994, p. 22).

⁵ “En la tradición bíblica el monstruo simboliza las fuerzas irracionales: posee las características de lo informe, lo caótico, lo tenebroso, lo abisal. El monstruo aparece pues como desordenado, desmedido; evoca el período anterior

A representação simbólica que a morte adquire no texto por meio do monstro é reforçada por sua descrição pelo narrador do poema. Grendel, enquanto marca da morte na terra, é caracterizado por caminhar pelas trevas, de forma sorrateira, com um aspecto sobre-humano, ferocidade e alimenta-se dos guerreiros que mata em Heorot.

Dessa forma, a violência e ferocidade são relativas a Grendel, único ser na narrativa que traz consigo o pecado. Isso remete também o “traço de Caim” que, de acordo com algumas especulações acerca do tema, em que se supõe que Deus atribuiu uma marca a ele, fato que os distinguiria dos demais seres, o que pode ser a aparência animalesca de Grendel. Então, pode-se observar Beowulf, como representante de uma força oposta à de Grendel, surge para extirpar o pecado:

Grendel,
rápido, agarrou com suas garras um belo jovem
guerreiro sonolento, selvagememente o dilacerou,
quebrando-lhe os ossos, deglutiou postas
escarnadas, sugou do sangue das veias, e logo
o devorou todo, da cabeça aos pés, goela adentro. (BEOWULF, 1992, p.59).

[...] assim executado enquanto dormia; era um corajoso
Cavaleiro, valente nos campos da batalha.” (BEOWULF, 1992, p., 61-62; 78).

Ao contrário do que aconteceu ao guerreiro Scyld, as mortes praticadas de forma violenta por Grendel, trazem transtornos e dificuldades de aceitação e, para isso, precisam ser vingadas, pois se trata do assassinato brutal de pessoas inocentes e honradas, haja vista que se trata da morte de cavaleiros. O cruel monstro é representado como um ser raivoso e destruidor que vai até Heorot cometer homicídios, como exacerbação de sua maldade, demonstrando a sua impossibilidade de viver em sociedade por sua irracionalidade. Esta compreensão da representação simbólica de Grendel remete ao que Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 721, tradução nossa) afirmam, pois:

O monstro também pertence à simbologia dos ritos de passagem: devora o velho para que o novo homem nasça. O mundo que nos mantém e ao qual nos introduz não é o mundo externo dos fabulosos tesouros, mas o mundo interior do espírito, que é acessado apenas por uma transformação interior. Por esta

a la creación del mundo. Ezequiel (1,4) habla de sus cuatro aspectos: se manifiesta en la tempestad con un grueso nubarrón y un haz de fuego; parece significar los cuatro vientos y los cuatro puntos cardinales (Ez 1, 1 7). Es la tormenta, con sus nubes sombrías, el trueno y los relámpagos. El monstruo se asocia a menudo, no solamente al viento, sino también al agua del mundo subterráneo, el cual es también precisamente dominio del monstruo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 721-722).

razão, vemos em todas as civilizações imagens de engolir monstros, andrófagos e psicopompos, símbolos da necessidade de uma regeneração⁶.

Dessa maneira, Grendel promove uma transformação que levará a uma regeneração que será realizada pelo herói do poema. O monstro devora os guerreiros de Hrothgar, a velha ordem, para que a nova surja, pois é na tentativa de restaurar a paz que o reino de Hrothgar será transformado com a vitória de Beowulf. Nota-se também que a motivação dos homicídios cometidos por Grendel podem ter uma justificativa na sua própria origem, em que a inveja e o ódio motivaram Caim a matar Abel. Então, o monstro por inveja da alegria celebrada nas festas, inicia os seus atos atrozes.

No poema, a violência vem por meio de um ser mitológico para mostrar a crueldade em todos os aspectos. No mundo da imaginação e na vida real, todos os modos causam profunda tristeza e destruição e também representa a maldade do ser humano de forma metaforizada, uma vez que Caim também era humano, e a deformação do monstro passa a simbolizar a marca que o primeiro homicida recebeu por seu crime. Dessa forma, observa-se a luta constante do bem contra o mal, da virtude contra o pecado, da necessidade de fazer justiça.

Em outro momento, a morte é apresentada de forma justa, pois não traz aflição, mas tranquilidade e segurança para as pessoas e tudo se transforma em festa e alegria depois da morte de Grendel. Quando o monstro finalmente foi derrotado pelo herói Beowulf, a sua morte é representada da seguinte forma:

Grendel partiu
para seu covil nos pântanos sombrios e
pauis: seus dias estavam contados! E todos
os dinamarqueses viram esperanças
renovadas nessa luta nefasta. Beowulf
purgara Heorot.
[...] Grendel mergulhara para
a morte; terminara seus dias miseravelmente;
nas profundezas do lago sua alma pagã se
apagou; o inferno o recebeu para sempre.
O campeão dos Scyldings, tremendo
de ódio mortal, firme segurou corajoso o cabo
da espada e certo, seccionou de um golpe o
pescoço peçonhento do monstro- fêmea; os ossos
estalaram e a carne da fera se rasgou em pedaços.

⁶ “El monstruo pertenece también a la simbólica de los ritos de pasaje: devora al hombre viejo para que nazca el hombre nuevo. El mundo que guarda y al cual nos introduce no es el mundo exterior de los tesoros fabulosos, sino el mundo interior del espíritu, al que no se accede más que por una transformación interior. Por esta razón vemos en todas las civilizaciones imágenes de monstruos tragadores, andrófagos y psicopompos, símbolos de la necesidad de una regeneración” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 721).

O monstro tombou morto no chão; na espada, o sangue
derramado se coagulava; vitória de Beowulf (BEOWULF, 1992, p. 87).

Mediante os fatos já citados, nota-se que, quando se trata do assassinato de Grendel e de sua mãe, a morte é vista de forma justa. O mal causado pelos monstros é vingado por meio da morte dos mesmos. O pecado cometido por eles é reparado da mesma forma, sendo que os monstros assassinaram pessoas boas e virtuosas, quando a morte deles ocorre já se trata da libertação do mal que havia ceifado a vida daquelas pessoas. Considerando que a morte tanto vem para os bons quanto para os maus, Svetlana Alexievich afirma que “a morte é a coisa mais justa do mundo. Fora isso, não existe nada que seja justo no mundo”⁷. Independente se o indivíduo é pobre, rico, jovem ou velho, ela vem para levar todos sem compaixão e é na vida eterna que o indivíduo pagará por seus atos, pois:

[...] a morte nos liberta das forças negativas e regressivas, enquanto materializa e libera as forças ascensionais da mente. Embora seja filha da noite e irmã do sonho, possui como mãe e irmão o poder de regenerar. Se o ser que ele atinge vive apenas no nível material ou bestial, ele cai no submundo; se, ao contrário, ele vive no nível espiritual, a morte revela campos de luz⁸ (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 731, tradução nossa).

No poema, o óbito é apresentado em alguns momentos como uma forma justa de punição. Por exemplo, quando o monstro Grendel e sua mãe são derrotados por Beowulf e com as mortes da raça do inimigo, os dinamarqueses e toda humanidade alcançavam finalmente a paz; pois, assim como a citação acima, a morte dos dois monstros libertou aquele povo de forças negativas e manchadas pelo pecado.

Grendel e sua mãe representam o indivíduo que, enquanto vida anda longe de Deus, passa a sua existência no universo sendo totalmente dominado pelo pecado, praticando maldades e, ao final, receberá a sua punição de forma justa, ou seja, o seu pagamento por causar

⁷ Vozes de Chernobyl: a História Oral de um Desastre Nuclear. Disponível em: <<http://www.citador.pt/frases/a-morte-e-a-coisa-mais-justa-do-mundo-nunca-ning-svetlana-alexievich-24673>>. Acesso em 17 de outubro de 2018.

⁸ “En este sentido la muerte nos libra de las fuerzas negativas y regresivas, a la vez que es materializa y libera las fuerzas ascensionales de la mente. Aunque es hija de la noche y hermana del sueño, posee como su madre y su Hermano el poder de egenerar. Si el ser a quien alcanza no vive más que en el nivel material o bestial, cae a los infiernos; si, por el contrario, vive en el nivel espiritual, la muerte le desvela campos de luz” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 731).

destruição e desagradar a Deus. Sua condenação será eterna e perecerá junto com seus maus feitos.

O texto também nos deixa claro que existe uma saída para não perecer dessa forma horrível; a solução é receber a salvação, a graça vinda do Divino. Caso o sujeito rejeite essa misericórdia vinda de Deus, poderá, durante o juízo final, não arrependido dos seus terríveis feitos, receber o seu castigo e Deus fará justiça a esse ser que rejeitou a graça de acordo com a Bíblia, uma vez a criatura que aceitou a vida de pecado, sofrerá durante toda a eternidade.

Esse tipo de morte, de acordo com o contexto citado, chega, porém, sem trazer aflição, mas tranquilidade e segurança para as pessoas e tudo se torna festa e alegria depois desse acontecimento na Dinamarca. No decorrer do texto, a morte como correção é vista como benéfica por meios dos feitos de Beowulf, e isto se dá por meio das convenções sociais e culturais cristãs acerca da forma como se interpreta a morte.

O poema segue mostrando esse tipo de falecimento quando, por cinquenta anos de prosperidade e paz, um dragão devasta as terras dos geats com fogo e destruição. Mas, logo em seguida, o dragão é derrotado pelo herói e mais uma vez o óbito desse monstro trouxe alegria novamente para os dinamarqueses.

Observa-se que a morte em forma de justiça é algo que surge para a tranquilidade e descanso de vítimas, que infelizmente têm a sua vida ceifada por um inimigo. Por sua vez, a morte justa chega pelo fim da maldade e também para o alívio de familiares e amigos que perdem seus entes queridos e apela pela justiça.

Hygelac veio a morrer na guerra; e as espadas,
apesar da falange de elmos e escudos, chegaram
até Heardred, quando guerreiros ferozes, os
scylfings, caçaram-no e o mataram o sobrinho
de Hereric. Então o reinado foi herdado por
Beowulf. (BEOWULF, 1992, p.106 – 107).

o jovem, nédio em sua armadura, indefeso, atenção não
deu às feridas e investiu contra a fera numa
estocada abaixo da cabeça, penetrando-a fundo
sua espada flamejante; e o fogo então extinguiu-se,
sibilando fetidamente; então Beowulf, os sentidos
de volta, com sua força de guerra retalhou o corpo
da criatura pestilenta. (BEOWULF, 1992, p.121).

[...] e então os geats erigiram uma enorme pira;
e lá estavam pendurados flamejantes elmos, cotas
de malha, corseletes e escudos, como assim ordenou
Beowulf; e então no topo colocaram o corpo do grande
herói aquele bem amado guerreiro; e atearam fogo,
tristes, entre lamentos e lamúrias. (BEOWULF, 1992, p.134).

O guerreiro que traz consigo o caráter da predestinação, que morrerá para salvar o seu povo após tantas batalhas, traz um caráter de evolução e sucessão. Beowulf sucedeu o seu pai nas batalhas e, após derrotar os monstros que aterrorizavam Heorot, é o herói que sobe ao trono. Posterior a morte de Beowulf, que se dá em uma luta contra um dragão, quem passa a ser o seu sucessor é o guerreiro que lutou junto a ele até o fim, após ser abandonado pelos demais. Logo, ao considerar o contexto cristão de convenção do caráter simbólico da morte, observa-se uma transição e evolução: o herói salvador, assim como Cristo, sacrificou-se por um povo que ao final o abandonou, mas deixou um seguidor que deu continuidade ao seu legado.

Ao refletir acerca do significado da palavra “destino”, na tradição escandinava significava um deus. Observa-se que ela tem inúmeros conceitos. De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA 2001, p. 231) esse termo significa “sucessão de fatos que podem ou não ocorrer, e que constituem a vida do homem, considerados como resultantes de causas independentes de sua vontade; sorte, fado”. No poema, a morte aparece de forma oportuna onde o rei dos geats morre e Beowulf o sucede no trono. A morte do rei fez com que o herói cumprisse o seu papel no universo, em que o mesmo reina no lugar do seu parente, pois faz parte do seu caminho.

O destino, assim como a morte, aparece do início ao fim do poema e, ao final, destaca-se o falecimento de Beowulf depois de cumprir o seu legado como parte de sua saga na terra, e o mesmo é homenageado de acordo por todos os seus feitos. Esse fato é algo na vida do ser humano que já está predestinado, e não há espaço para o livre arbítrio, já que tudo já lhe está reservado de antemão e que foi, por Deus, prometido à glória. Mas a morte de Beowulf para o seu povo é vista como um mal presságio, pois na cultura pagã o óbito é um pessimismo.

De acordo com o que foi discutido neste tópico, vimos que a morte pode se manifestar de vários tipos e de várias maneiras, pois é algo que, apesar de mostrar-se aparentemente em um único momento, ele pode chegar de várias formas vinda de acordo com o destino de cada indivíduo e sua simbologia pode variar conforme o contexto social, histórico e/ou cultural ao qual pertence.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, considera-se que o modo de representação simbólico, de acordo com a Teoria Geral dos Signos de Charles Sanders Peirce, configura-se como uma oportunidade de compreender os elementos em partilha entre os diferentes contextos sociais,

culturais e históricos. A partir disto, os textos produzidos, sejam de tradição oral ou escrita, representarão o momento no qual foram feitos.

Desta forma, pôde-se observar ao longo das discussões aqui apresentadas como a constituição do significado da morte consoante preceitos cristãos e a sua relação com o paganismo interferem na forma como se compreende a representação do herói do poema que lhe é homônimo ao relacionar a imagem de Beowulf e o constante processo de renovação que a morte simbolicamente proporciona.

A simbologia e a memória cultural que o poema expressa, representam o ambiente dialógico que constitui a produção de textos que resultam de formas discursivas que passam pelos filtros sociais e se constituem como formas de exercício de poder por meio da exposição de rituais e simbologias herdadas de uma sociedade pré-cristã.

Por fim, observa-se que o elo criado entre o cristianismo e paganismo por meio de um contexto cristão que permeia a obra e norteia a narrativa, e o contexto pagão por meio da presença de seres mitológicos e o ritual fúnebre do velório de Beowulf, representam a simbologia da transitoriedade e continuidade que a morte possui, não apenas na relação de uma vida a outra, mas também a continuidade ainda entre os seres vivos, além do papel importante que a concepção de pecado atribui ao interpretante formado a partir das diversas ações dos signos aqui interpretadas.

BEOWULF AND THE SYMBOL OF DEATH

ABSTRACT

The symbolic mode of representation is one of the most exploited in studies of various areas of knowledge, because the construction of its meaning is directly related to social conventions and how the society interprets the signs according to their socio-historical-cultural context. Based on this assumption, we will try to understand how the symbolism of death is constituted in the epic poem Beowulf and how the Christian context interferes with the meaning of this symbol in the poem. In order to reach the objective to which this work is proposed, we will use a bibliographical and exploratory research of a documentary nature in the area of literary and semiotic studies, as well as reflections on the analytic category here studied from the contributions of authors such as Argolo (2001), Cevasco and Siqueira (1999), Ferraz (2014), Peirce (2003). So, it will show how the death is related to the endless struggle between good and evil.

Keywords: Beowulf. Symbol. Death.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BEOWULF. Tradução, introdução e notas: Ary Gonzalez Galvão. Editora Hucitec, São Paulo, 1992, literatura estrangeira 3.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri –SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 1664p.
- CEVASCO, Maria Elisa; SIQUEIRA, Valter Lellis. **Rumos da Literatura Inglesa**. 5. ed. Editora Ática, 1999.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Allain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Minidicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. Ed. rev. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SANDERS, A. **The short oxford history of English literature**. Oxford University Press, 1994.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- A lenda de Beowulf**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/mitologia/a-lenda-de-beowulf/>> Acesso em: 01 out. 2018.
- Beowulf**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Beowulf>> Acesso em: 01 out. 2018.
- Estudo teórico sobre a morte**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/estudo-teorico-morte.htm>> Acesso em: 30 out. 2018.
- FONSECA, Elaine Bernardes da. **Morte visto pela astrologia**. Disponível em: <<https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/autoconhecimento/morte-visto-pela-astrologia-34047.html>> Acesso em: 30 out. de 2018.
- Morte**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte>> Acesso em: 30 out. 2018.